

MASCULINIDADES EM APLICATIVOS: UM BREVE ANÁLISE DA BUSCA AFETIVA-SEXUAL ENTRE HOMENS USUÁRIOS DO GRINDR NA CIDADE DE SANTA MARIA - RS

Daniel da Silva Stack

Mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria – PPGCS/UFSM, bolsista CAPES, danielsstack@outlook.com;

Fernando de Figueiredo Balieiro

Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PPGCS/UFSM, fernandofbalieiro@gmail.com.

Resumo

A pesquisa tem como tema a busca afetiva-sexual entre homens usuários do aplicativo Grindr em Santa Maria - RS. O Grindr é um aplicativo de geolocalização, desenvolvido inicialmente apenas para homens gays e bissexuais se relacionarem, criado pelo americano Joel Simkhai. O aplicativo pode ser acessado por smartphones e tablets, disponível para Android e Iphone. Os estudos sobre a plataforma evidenciam padrões recorrentes na busca afetiva- sexual entre homens, destacando rígidas normas de construção do corpo e da masculinidade que se materializa na construção do perfil e nos critérios subjetivos da busca. Compreendendo que padrões associados à masculinidade hegemônica influenciam na seleção de parceiros, buscamos investigar os espaços urbanos da cidade, caracterizada como grande pólo militar e universitário, e como esses espaços influenciam na (in) visibilidade dos perfis. O estudo está em andamento e utiliza-se da etnografia digital, compreendendo as plataformas digitais como espaços passíveis de investigação sociológica. Os métodos de coleta de dados consistem em análise dos perfis que

integram a plataforma e posteriormente entrevistas semi-estruturada com usuários do aplicativo em Santa Maria - RS.

Palavras-chave: Masculinidades, Aplicativos, Mídias Digitais, Grindr.

Introdução

O artigo, parte do processo de construção da pesquisa de mestrado em andamento, tem como tema a busca afetiva e sexual entre homens através do aplicativo Grindr, no contexto de Santa Maria – RS durante a pandemia do novo coronavírus. Trazemos para análise alguns perfis de usuários em localidades com características sociodemográficas distintas, como as proximidades da Universidade Federal de Santa Maria e do centro da cidade, marcado pela infraestrutura militar.

Ambos os contextos foram escolhidos para se pensar, comparativamente, nos padrões de masculinidades e nas formas de regulação da sexualidade e a exposição dentro do aplicativo. As idas ao campo ocorreram entre novembro de 2020 e fevereiro de 2021, durante três turnos diferentes (manhã, tarde e noite). A pesquisa busca investigar a constituição de masculinidades e negociações com padrões hegemônicos de masculinidade.

Metodologia

Para a construção da pesquisa uso como metodologia a etnografia digital, compreendendo que a plataforma do aplicativo Grindr é meu campo de pesquisa e a internet constitui-se como artefato cultural (HINE, 2015) um espaço onde a cultura é “formada e reformada” em relação de continuidade com a vida offline:

As tecnologias digitais se tornam cada vez mais uma parte intrínseca das vidas cotidianas em vez de uma esfera separada de existência social. Todas essas mudanças motivam os estudos etnográficos: nós precisamos saber em detalhes que tipos de mudanças estão ocorrendo nas instituições e organizações, no engajamento das pessoas com a mídia nesta era digital, e quais efeitos em termos de nossas culturas e nossas comunidades, quer seja on-line, off-line ou, como é o caso mais frequente, complexos híbridos do on-line com o off-line (HINE, 2016, p.12).

O acesso aos perfis de usuários da plataforma possibilita identificar os recursos movidos na sua apresentação no aplicativo, como

por exemplo, quais tipos de fotos são comumente expostas, quais os termos utilizados na busca afetivo-sexual, bem como padrões de masculinidades vigentes nesse contexto. O perfil de pesquisador é utilizado para comunicar aos demais usuários que a pesquisa está sendo realizada, buscando marcar com ênfase a intenção da pesquisa, sendo também a ferramenta que propiciará interação com os interlocutores. A necessidade do perfil de pesquisador surge com respeito a princípios éticos em pesquisa, sendo necessária a sciência por parte dos interlocutores sobre os objetivos e etapas de pesquisa, bem como os procedimentos de adesão ao estudo. Além disso, enquanto parte da análise etnográfica, toma-se o devido cuidado de ao analisar os usuários e suas apresentações, preservar o anonimato dos mesmos.

Para a coleta de dados dos perfis utilizamos de um aplicativo de captura de tela que permite armazenar os dados dos perfis, e organizá-los em pastas. Estabelecendo horários estratégicos para realizar a coleta dos dados, consistindo em três turnos diferentes (manhã, tarde e noite) e dois lugares do município: as proximidades da universidade no bairro Camobi e o centro da cidade. Os dois campos de escolha nos permitem transitar pelo aplicativo, considerando como hipótese inicial, a diversidade dos padrões de masculinidade e dois aspectos da cidade, a influência universitária – pela presença de uma Universidade Pública e outras privadas com número significativo de estudantes na população e a influência militar, por ser um pólo militar nacional.

Outra técnica utilizada para a coleta de dados é a entrevista semi-estruturada, que será utilizada para aprofundar a investigação sobre masculinidades, além de compreender como ocorre a interação dos usuários no ambiente off-line durante a pandemia do Covid-19, e seu impacto nas formas de regulação da sexualidade. A entrevista semi-estruturada é utilizada na pesquisa pela formulação de perguntas que dá liberdade ao interlocutor de guiar sobre sua experiência na plataforma e encontros off-line.

Referencial teórico

A sociabilidade homoerótica antes do surgimento da internet e aplicativos de relacionamento foi marcada pelo sigilo e efemeridade. Na pesquisa de Nestor Perlongher (1987), os encontros entre homens aconteciam em estacionamentos, banheiros públicos, saunas, cinemas etc, em sua maioria durante a noite. A cidade de São Paulo

apresentava pontos em que a homosociabilidade poderia ser observada em determinados horários, trata-se de uma dinâmica que coloca a homossexualidade como dissidência, pois fica reservada a homosociabilidade pública em horários noturnos.

A partir do desenvolvimento das mídias digitais e a internet, um novo espaço de sociabilidade homoafetiva tornou-se possível, as salas de bate-papo proporcionaram uma nova forma de experimentação da sexualidade. Esses ambientes e as relações que se desenrolam para além deles, redimensionam um dispositivo de controle da homossexualidade, na medida em que tornam-se uma extensão do armário (MISKOLCI, 2009b). O armário é teorizado por Eve Sedgwick (2007) como um símbolo de opressão à homossexualidade no século XX. A autora analisa a complexidade que ele representa, apresentando-se como uma forma de controle incessante, visto que não se abandona o armário totalmente, há sempre novas situações em que o regime de visibilidade/invisibilidade do armário se impõe:

Mesmo uma pessoa gay assumida lida diariamente com interlocutores que ela não sabe se sabem ou não. É igualmente difícil adivinhar, no caso de cada interlocutor, se, sabendo, considerariam a informação importante. No nível mais básico, tampouco é inexplicável que alguém que queira um emprego, a guarda dos filhos ou direitos de visita, proteção contra violência, contra “terapia”, contra estereótipos distorcidos, contra o escrutínio insultuoso, contra a interpretação forçada de seu produto corporal, possa escolher deliberadamente entre ficar ou voltar para o armário em algum ou em todos os segmentos de sua vida. (SEDGWICK, 2007, p.22)

Em uma sociedade heteronormativa, o segredo e a descoberta operam sob a lógica onde a sexualidade é negociada, assim, muitos homens gays precisam apresentar uma heterossexualidade aparente para não comprometer relações pessoais e profissionais. Trata-se de um regime de visibilidade que impõe a heterossexualidade como sinônimo de público, natural e desejável. Tal regime se manifesta também nas plataformas digitais, nas quais, o sigilo e a discrição – muitas vezes - compõem os perfis de usuários de aplicativos no intuito de evitar o ônus de ter sua homossexualidade exposta em público e poder se relacionar com outros homens.

De outro lado, as tecnologias alteraram a forma como os sujeitos se relacionam e as configurações afetivas/sexuais. Como Miskolci (2014) observa, as relações afetivas/sexuais em contexto digital estão marcadas pela praticidade que permitem, de alguma forma, negociar com o regime de visibilidade heteronormativo. Em aplicativos que usam a geolocalização, o usuário pode estar no conforto de casa e estar investindo em sua vida sexual, sem a necessidade de se deslocar a bares, baladas e outros espaços frequentados por possíveis parceiros. Não raro, esta se torna uma estratégia para a realização das práticas afetivo-sexuais entre homens, sem sua associação com o “meio” gay.

Uma nova configuração das relações afetivas/sexuais se instaura com a generalização do acesso à internet por meio das plataformas digitais, a qual é chamada por Miskolci(2014) de *nova economia do desejo*, fruto de mudanças econômicas e tecnológicas. Essas mudanças contribuem para alterar o roteiro antes estabelecido – no modelo heterossexual - de namoro-noivado-casamento, que têm se tornado segundo plano frente a qualificação profissional e exigências do mercado de trabalho.

Para o autor, a nova economia do desejo facilita o “hook up”, termo norte-americano para encontros afetivos-sexuais casuais, tendo em sua visão um carácter higienizador do “cruising”, termo usado anteriormente para encontros casuais em ambientes de homosociabilidade como cinemas, saunas, banheiros públicos etc. Essa higienização se dá, ao fato de que, nos aplicativos os sujeitos tendem a selecionar e buscar segundo altas demandas normativas no que tange à corpo, “raça”, masculinidade, idade e classe social.

De forma complementar, a pesquisa de Camilo Braz (2010) revela que de certa forma os encontros em locais públicos de homosociabilidade são mais “democráticos” e menos seletivos, de um lado a oportunidade é passageira e não há garantias de que o sujeito obterá prazer se for criterioso e, por outro lado, esses espaços apresentam um público marginalizado em comparação ao público presente nos aplicativos.

Os estudos sobre aplicativos de relacionamentos para a homossexualidade ressaltam a produção histórica, cultural e generificada que coloca o homem gay masculino e musculoso como desejável em detrimento ao homossexual que se aproxima do feminino (MISKOLCI, 2017; WELZER-LANG, 2001). Os aplicativos não apenas facilitam

encontros, mas reforçam a busca por reconhecimento que, por sua vez, se traduz em estar adequado a expectativas estéticas e corporais, muitas vezes, reforçando as normas de gênero.

Judith Butler (2003), chama de matriz heterossexual a imposição social de uma linearidade entre sexo-gênero-desejo, na qual o sujeito deve se identificar com o gênero de nascimento, ser heterossexual e conseqüentemente desejar o sexo oposto. A heteronormatividade é utilizada por ela para definir a imposição que também se dirige a não-heterossexuais de buscarem performar atributos da heterossexualidade, através da reprodução de valores, práticas e discursos (BUTLER, 2003).

O gênero é constituído a partir da norma estabelecida que reforça a binaridade de gênero (masculino e feminino) e uma performatividade correspondente à expectativa do gênero. Butler (2003) ressalta que o gênero não é inerente ao indivíduo, como construção social, gênero torna-se uma prática reguladora e de constante vigilância para manter-se dentro do que é esperado que os sujeitos se comportem.

Em outras palavras, a “unidade” do gênero é o efeito de uma prática reguladora que busca uniformizar a identidade do gênero por via da heterossexualidade compulsória. A força dessa prática é, mediante um aparelho de produção excludente, restringir os significados relativos de “heterossexualidade”, “homossexualidade” e “bissexualidade”, bem como os lugares subversivos de sua convergência e ressignificação. O fato de os regimes de poder do heterossexismo e do falocentrismo buscarem incrementar-se pela repetição constante de sua lógica, sua metafísica e suas ontologias naturalizadas não implica que a própria repetição deva ser interrompida -como se isso fosse possível. E se a repetição está fadada a persistir como mecanismo da reprodução cultural das identidades (BUTLER, 2003, p.67-68).

Para a pesquisa, outra autora central é Raewyn Connell (2003), especialista nos estudos de masculinidade. Para ela, a masculinidade não é trans-histórica, mas uma constituição a partir de processos históricos e culturais, que apresenta contínuas mudanças. A masculinidade hegemônica é o ideal de masculinidade que ocupa uma posição de poder e subjuga as demais formas de masculinidade. Ao analisarmos as masculinidades devemos levar em consideração sua produção

local, visto que grupos diferentes de homens experienciam uma masculinidade particular (CONNELL, 2013). Para compreender qual masculinidade é hegemônica deve-se buscar investigar o contexto local em relação ao global, buscando analisar quais masculinidades são subordinadas e qual seria a hegemônica naquele contexto. A masculinidade é múltipla, sendo uma produção individual, local e global que forma grupos de indivíduos que compartilham de práticas sociais que compõem suas próprias definições de masculinidade.

Judith Butler (2003) aborda que a masculinidade é performativa, para ela homens e mulheres são incitados a reproduzir modelos hegemônicos de gênero, embora falhem continuamente em sua reprodução. Transpondo à pesquisa as discussões apresentadas, foi possível observar que nos aplicativos de relacionamento as performances de masculinidade fabricadas nos perfis nem sempre condizem com a performance off-line, ainda que se observa a importância de se aproximar com definições hegemônicas de masculinidade, através de fotos, ângulos e descrições.

A pesquisa de Camilo Braz (2010) em clubes de sexo em São Paulo, revela políticas de controle no que diz respeito a masculinidade. É cobrado dos frequentadores performarem uma masculinidade viril, esse controle e cobrança não é institucionalizado pelos clubes, mas se dá através do rechaço que incidem sobre esses corpos durante a sociabilidade nesses espaços. Outro ponto interessante é que os interlocutores não se importam que fora desses espaços esses homens sejam mais femininos, mas nesse espaço em particular devem “fazer a linha” de macho. Dessa forma, investigar masculinidades nesses ambientes requer um olhar atento às práticas de controle, de quais ideais de masculinidade são ressaltados no aplicativo pesquisado, além de analisar qual propósito desempenham na busca sexual.

Resultados e discussão

Santa Maria é um município localizado na região central do Rio Grande Sul, apresenta em suas proximidades municípios menores que utilizam de recursos da cidade, como por exemplo, o Hospital Universitário (HUSM) e apresenta um circuito de jovens que se mudam para a cidade com o intuito de estudar. A Universidade Federal de Santa Maria apresenta mais de oitenta cursos de graduação e conta com moradia estudantil abrangente. Semestralmente retornam às

aulas na UFSM, em média vinte mil estudantes entre os cursos de graduação, pós-graduação, ensino médio e técnico. Outras quatro faculdades privadas integram a cidade e apresentam números significativos de estudantes.

A cidade também conta com um grande polo militar, sendo a segunda cidade no Brasil a apresentar a maior concentração de militares. São mais de vinte unidades militares na cidade, contando com um colégio militar e uma base área que fica no mesmo bairro que a universidade. Segundo matéria divulgada por um jornal local¹, a cidade é a quarta colocada entre as cidades mais buscada por militares para viver. Diante desse cenário local com forte presença universitária e militar surgiu a questão de como convivem padrões de masculinidade diversos e como esses são acionados no aplicativo Grindr.

O aplicativo é usado como campo de pesquisa, a etnografia foi feita em dois contextos diferentes, nas proximidades da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e em localidade próxima ao centro da cidade, composto por quartéis, moradias de militares e moradores locais, boa parte dos quais sem relação com a universidade. O recorte espacial também leva em conta diferenciar o contexto do centro da cidade com o contexto do bairro afastado de Camobi, mais vinculado à Universidade.

A partir da observação nesses contextos, notou-se variações no que diz respeito aos usos do aplicativo e seus recursos. Com as primeiras observações, é possível dizer que nas proximidades do centro há maior frequência de usuários que não apresentam foto de perfil e outras informações relevantes. A não-publicização de informações no perfil do aplicativo é tomado como um dado, visto que esses sujeitos podem estar em ambientes militares, onde se reforça um modelo de masculinidade viril e heterossexual. Como Miriam Pillar Grossi (2004) nos diz, no quartel homens estão sujeitos a uma série de violências sobrepostas a partir da hierarquia, incluindo regimes exaustivos de treinamento e humilhações por seus superiores. Dessa forma, uma performance de gênero não normativa ou a apresentação explícita da homossexualidade nesses ambientes pode tornar esses sujeitos alvos de constrangimentos e perseguições de seus colegas e superiores.

1 Matéria completa disponível em <encurtador.com.br/uxERW> Acesso em 14 de Maio de 2021.

Por outro lado, o espaço militar adentra a plataforma do aplicativo e assume uma posição de fetiche.

Miskolci (2017) aborda como a pornografia se tornou uma referência de modelo desejante de masculinidade para homens gays, de forma a contrastar com modelos estereotipados da homossexualidade nas mídias. Tal modelo se forjou no contexto de pânico moral da aids, no qual se reforçou o estigma da homossexualidade a partir da sua vinculação com a doença.

O imaginário de uma figura máscula desejável é encontrada no aplicativo com homens que, por exemplo, procuram exclusivamente militares para se relacionar, um perfil se dispõe a pagar por tal relação. O aplicativo segue uma lógica de oferta e procura, pois da mesma forma que há perfis que buscam militares, há perfis que em suas descrições fazem questão de expor sua vinculação com a instituição militar, por exemplo, colocando fotos parciais da vestimenta militar (farda) ou coturno.

O contexto de proximidade à universidade apresenta a predominância de usuários com fotos de rosto e redes sociais anexadas ao perfil, contrastando com a pouca informação nos ambientes militares. Nos arredores da universidade salta aos olhos a exposição no aplicativo e as descrições pessoais que afirmam responder somente a usuários que apresentem fotos de rosto. Esses dois cenários não demarcam uma dualidade de exposição no campo universitário e sigilo no ambiente militar, em ambos contextos há presença desses dois tipos de perfis, mas há um *modus operandi* de construção dos perfis em cada um dos espaços.

O ambiente universitário santamariense é predominantemente composto por estudantes de outras localidades do estado, do Brasil e de outros países, os arredores da universidade é marcado por moradias voltadas a estudantes, bem como dentro da universidade que apresenta a casa do estudante para estudantes de graduação e pós-graduação.

O fato de morar em outra cidade possibilita construir novas relações e dessa forma se expor sem comprometer relações pessoais e familiares. O ambiente universitário também é marcado por uma maior abertura a discussões voltadas ao gênero que implica em uma maior tolerância a performances de gênero e sexualidade dissidentes.

A universidade apresenta um grupo de vivência e acolhimento LGBTQIA+², aberto ao público acadêmico e externo, tem como objetivo compartilhar vivências e criar redes de apoio. O coletivo VOE³, surgiu a partir da universidade e atua na cidade, compostopor estudantes, pesquisadores e ativistas reunidos em defesa da diversidade sexual, responsável por organizar atos políticos e a parada LGBT alternativa. A revista Prisma LGBT⁴ também integra as produções e discussões sobre gênero e sexualidade na cidade, se apresentando como “uma revista colaborativa e independente que serve como canal de comunicação entre o público LGBT e sua produção cultural, artística e política”.

A partir da etnografia e análise de dados dos perfis cruzando critérios de idade, fotos e descrições pessoais, evidencia-se que a plataforma do aplicativo é composta em geral por perfis com faixa etária de dezoito a trinta anos, sendo um número bem expressivo visto que nas proximidades da UFSM esse percentual passou de 50% em todas as idas ao campo, demonstrando a centralidade do público juvenil no aplicativo.

A análise das fotografias expostas no aplicativo revelam mecanismos de regulação corporal: os corpos que estão parcialmente desnudos são em grande maioria musculosos ou magros, os corpos que contrastam com normas estéticas corporais hegemônicas são comumente expostos em ambientes como academias de musculação, o que denota o trabalho que os usuários estão mobilizando para adequar seus corpos ao padrão.

No que tange à “raça”, o corpo negro ocupa uma posição de rejeição ou fetiche, alguns perfis colocam nas suas descrições rejeitar homens negros. Outros perfis, no entanto, afirmam ter preferências por “negões” e dizem “combinar bem” com esse perfil. A hipersexualização e hipervirilização do homem negro, reforça a concepção de

2 A página do grupo pode ser acessada pelo Facebook no seguinte link: <https://www.facebook.com/vivenciasLGBT/events/?ref=page_internal> Acesso em 03 de Junho de 2021.

3 A página do coletivo pode ser acessada pelo Facebook no seguinte link: <<https://www.facebook.com/ColetivoVoe>> Acesso em 03 de Junho de 2021.

4 A página da revista pode ser acessa pelo Facebook no seguinte link: <<https://www.facebook.com/search/top?q=revista%20prisma%20lgbt>> Acesso em 03 de Junho de 2021.

que seriam “bem dotados” e insaciáveis sexualmente. O próprio termo “cafuçu” presente na função “tribos” do aplicativo⁵, se refere a um homem de pouca instrução, negro, com um corpo malhado (de trabalhos braçais), que é hipermasculino e viril.

Há também usuários que não correspondem aos padrões corporais hegemônicos e se posicionam em suas descrições pessoais como um corpo fora do padrão, salientando que caso o usuário não se atraia, não deve estabelecer uma conversa para “não perder seu tempo”. Como é o caso de um perfil de um usuário de vinte cinco anos que escreve “se não curte gordinho nem chama”.

Essa autoafirmação no perfil está diretamente relacionada à rejeição que incide sobre esses sujeitos no aplicativo. O perfil de 24 anos intitulado de “LEIA please” escreve “Não tenho nada contra nenhum tipo de corpo, sou magro e gosto de magros”, a maioria das descrições que utiliza-se para comunicar seu “gosto”, o fazem por meio da rejeição de corpos que não atendem seus parâmetros pessoais. A própria definição de gosto deve ser tomada reverberando a produção social e midiática que aloca determinados corpos como atraentes e desejantes (ILLOUZ, 2011).

É perceptível também a presença de posicionamentos críticos no aplicativo. Um usuário escreve que há segregação entre usuários que depois “cuspem militância no Instagram”. Outro usuário de quarenta sete anos, apresenta como foto uma charge na qual a legenda é “bolsofascistas”, escreve em sua descrição que “o meio gay brasileiro é a definição do país bizarro. Nada pode ser mais sórdido que o meio gay no Brasil atual, que em 2021 a bicha gay padrão aprenda a definição de generosidade”. Ambos perfis fazem referência direta à persistente denegação do reconhecimento a sujeitos não conformes a padrões de masculinidade, de idade e corpo, qualificando tal comportamento como “sórdido” e “bizarro”. Esses dois usuários utilizam suas descrições pessoais para, em certa medida, contestar a recorrência de perfis “dentro do padrão”, os quais reproduzem formas de regulação da masculinidade.

5 As tribos seriam identificações dos usuários, subgrupos construídos a partir de características pessoais, como por exemplo a tribo Barbie que representa homens musculosos e sem pêlos corporais. O aplicativo disponibiliza treze tribos diferentes, podendo o usuário escolher três para compor o perfil.

Referências

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BRAZ, C. A. **À meia-luz**: uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos. Campinas: Unicamp, 2010.

CONNELL, Raewyn, W. **Masculinidades**. Universidade Nacional Autónoma do México: Cidade do México, 2003.

CONNELL, Raewyn, W. MESSERSCHMIDT, J. W. **Masculinidade hegemônica**: Repensando o conceito. Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. São Paulo, Graal, 2010.

GROSSI, Miriam Pilar. **Masculinidades**: Uma revisão teórica. UFSC: Florianópolis, 2004.

HINE, Christine. Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia In: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla. **Etnografia e consumo midiático**: novas tendências e desafios metodológicos. Rio de Janeiro: E-papers, 2016.

_____. **Ethnography for the Internet**: Embedded, Embodied and Everyday, Bloomsbury, Londres, 2015.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MISKOLCI, R. O segredo. In: **Desejos digitais**: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

_____. **San Francisco e a nova economia do desejo**. São Paulo: Lua Nova, 2014.

_____. **O Armário Ampliado** – Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. Niterói, v. 9, n. 2, p. 171-190, 1. sem. 2009b.

PERLONGHER, N. O. **O negócio do michê**: prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **A Epistemologia do Armário**. In: Cadernos Pagu. Tradução de Plínio Dentzien. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007.

WELZER-LANG, D. **A construção do masculino**: dominação das mulheres e homofobia. Estudos feministas: 2/2001.